

MOÇÃO

REQUALIFICAÇÃO DA CALÇADA DE CARRICHE E AVENIDA PADRE CRUZ

Desde há mais de uma década que a Assembleia de Freguesia do Lumiar e a Junta de Freguesia do Lumiar têm enviado numerosos alertas acerca da situação intolerável que se passa com o trânsito na Calçada de Carriche e Avenida Padre Cruz.

Atualmente a Calçada de Carriche é considerada como um exemplo de anti-urbanismo em Portugal e de um caos rodoviário na Europa.

A Assembleia de Freguesia do Lumiar, reunida em 26 de Junho de 2013, mais uma vez alerta a Câmara Municipal de Lisboa para esta situação e propõe que o trânsito passe a ser enterrado nesta zona e à superfície sejam construídos espaços pedonais, praças e jardins livres de poluição.

Lumiar, em 26 de Junho de 2013.

O PROPONENTE

Manuel Filipe Correia de Araújo (PSD)

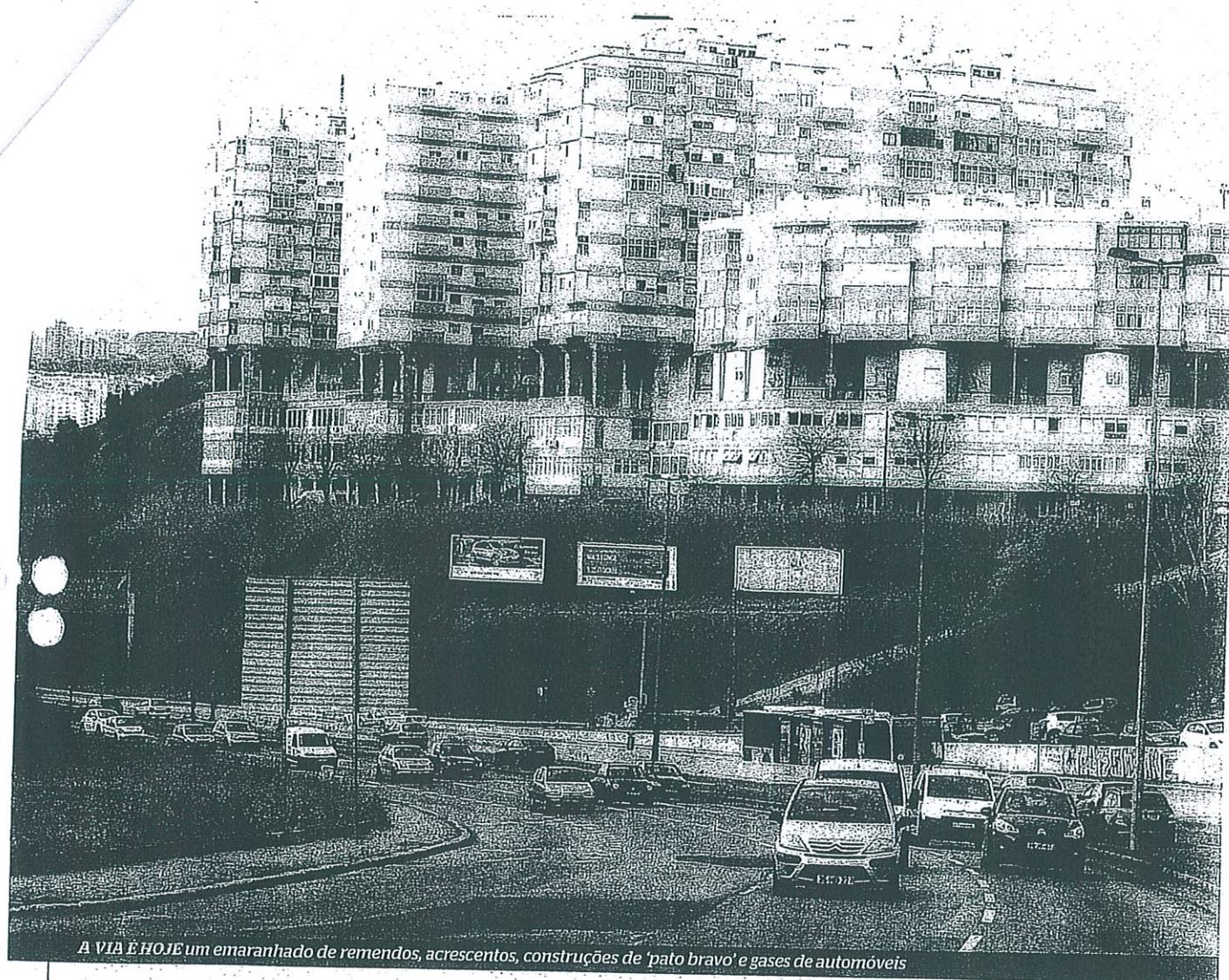
**APROVADA POR MAIORIA, COM 17 VOTOS A FAVOR, 1 VOTO
CONTRA E 1 ABSTENÇÃO**

Enviar:

- Ministro da Economia e do Emprego
- Presidente da Câmara Municipal de Lisboa
- Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa
- Presidente da Junta de Freguesia do Lumiar

Publicar:

- Site da Junta de Freguesia do Lumiar



A VIA É HOJE um emaranhado de remendos, acrescentos, construções de 'pato bravo' e gases de automóveis

CALÇADA DE CARRICHE: EXEMPLO DE ANTI-URBANISMO

NUNO LAGARTINHO

47 anos

Arquiteto

Localização: Ameixoeira e Olival Basto, Lisboa

Ano: De 1960 em diante



Uma das portas de entrada em Lisboa para quem vem do Norte, a Calçada de Carriche liga o Olival Basto, junto a Odivelas, ao Vale de Telheiras. No início dos anos 60 tinha ainda uma envolvente rural, com estradas entre muros de pedra, como uma azinhaga. Nos finais dos anos 60, a Calçada entra no *boom* da construção nos arredores de Lisboa, onde só 3% dos projectos eram feitos por arquitectos. A poluição é outro dos problemas da via.

«Para quem vive na cidade, cerca de dois terços da população, a relação com

a arquitectura é constante, no percorrer das ruas, praças, quarteirões, num aglomerado de construções, vias, sinéctica, tráfego, que numa única palavra se designa por urbanismo.

Numa análise objectiva, um 'pseudo-mamarracho' poderá ser um edifício emblemático (não usando adjetivos como bonito ou feio), mas será sempre uma referência na cidade, nem que seja para dizer 'o tal café fica ao lado do mamarracho tal...'

O que importa é a qualidade daquele edifício para o cidadão: acessos fáceis, iluminação natural, bem isolado, vistas interessantes, espaços verdes no seu enquadramento e intemporal. Es-

«A solução passaria por enterrar o tráfego, ficando em cima espaços pedonais, praças, edifícios e jardins, livres de poluição»

tas são as condições para estarmos a falar efectivamente de arquitectura (de outro modo é construção civil).

O verdadeiro mamarracho será o anti-arquitectónico ou o anti-urbanístico. Assim, escolho a Calçada de Carriche como um exemplo de anti-urbanismo.

É uma das principais vias de entrada/saída a norte de Lisboa e é constituída por uma envolvente construtiva do mais absurdo que existe, sem a mínima qualidade urbanística.

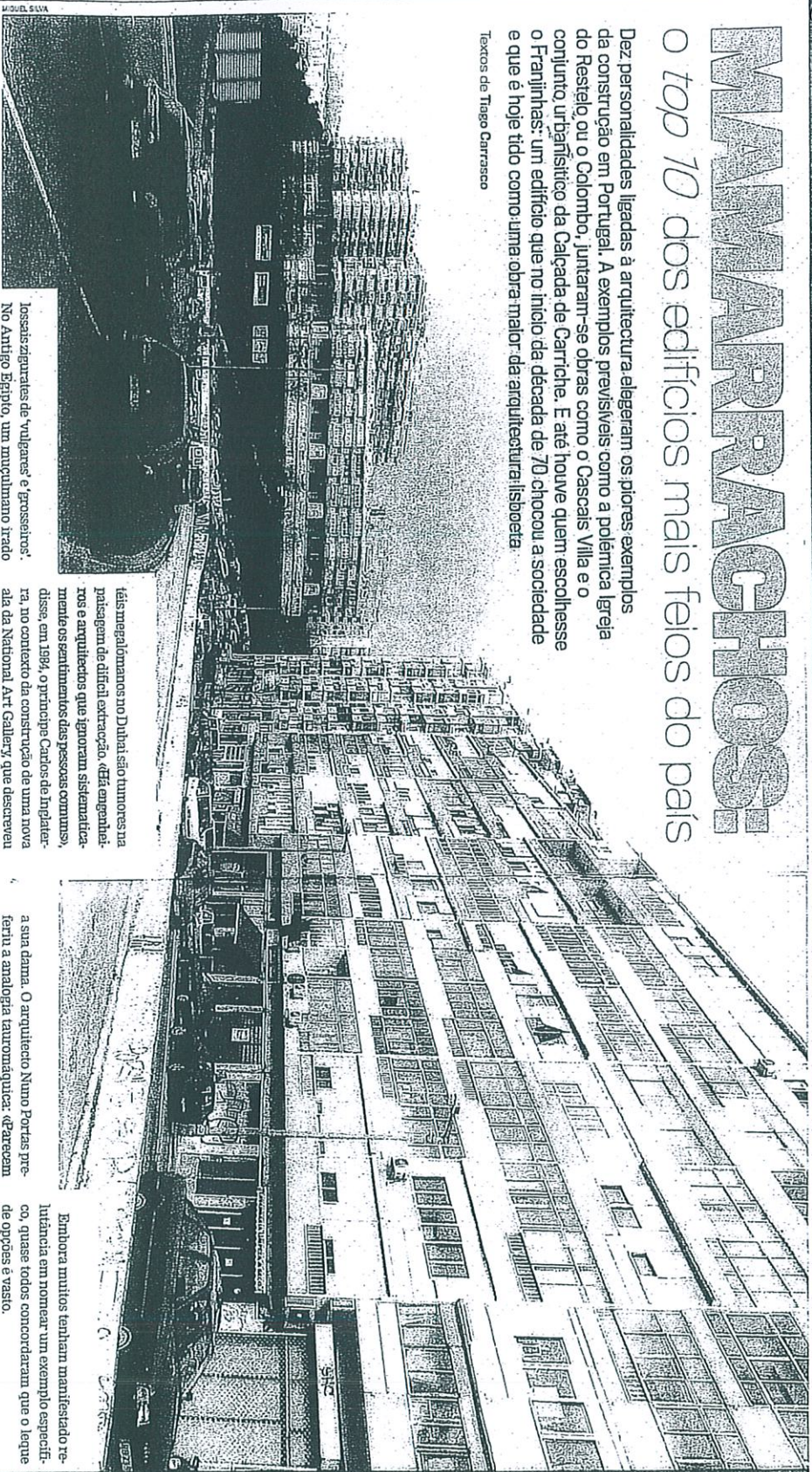
Depois da azinhaga verdejante dos anos 20 no vale de Telheiras, é hoje um aglomerado de remendos, acrescentos, alargamentos, vias rápidas, gases, construções, pato-bravo, marquises, jardins de betão. A solução: a criação de um troço de cidade como La Défense, em Paris, ou Louvain la Neuve, perto de Bruxelas, onde o tráfego automóvel passa num plano enterrado e os espaços pedonais, as praças, os edifícios e os jardins ficam por cima, livres de poluição.⁹⁹

MAMARRAACHOS!

O top 10 dos edifícios mais feios do país

Dez personalidades ligadas à arquitectura elegeram os piores exemplos da construção em Portugal. A exemplos previsíveis como a polémica Igreja do Restelo, ou o Colómbio, juntaram-se obras como o Cascais Vila e o conjunto urbanístico da Calçada de Carriche. E até houve quem escolhesse o Franjinhos: um edifício que no início da década de 70 chocou a sociedade e que é hoje tido como uma obra maior da arquitectura lisboeta.

Textos de Tiago Carrasco



Mamarracho - s.m. (do castelhano *mamarracho*) 1. Pintor ou escultor cujo trabalho é de má qualidade. 2. Pintura ou escultura de má qualidade. 3. Obra imperfeita, mal executada, sem beleza, sem valor. 4. Edifício de aspecto pesado e desagradável.

O dicionário não deixa dúvidas: um mamarracho é uma aberração, uma obra grotesca, um edifício que esmaga o meio envolvente e fere a vista de quem o contempla. Os mamarrachos são tão antigos quanto a própria arquitectura. Na Babilónia, por exemplo, houve quem classificasse os co-

lossal zigueirais de 'vulgares' e 'grosseiros'. No Antigo Egipto, um impecável templo destruiu o nariz da Esfinge, que considerava uma obra 'ofensiva'. E na Idade Média chegou a haver tentativas de incendiar catedrais 'aberrantes'. A História comprovava: o que hoje é considerado um mamarracho, amanhã pode ser uma obra-prima.

No entanto, há edifícios que nem o deslizar do tempo consegue dignificar: as selvas de betão das periferias das grandes capitais, os cubos austeros de Budapest e Teerão, arranha-céus luminosos em Tóquio e alguns ho-

léis megalómanos no Dubai são tumores na paisagem de difícil extração. «Ela organiza-ros e arquitectos que ignoram sistematicamente os sentimentos das pessoas comuns», disse, em 1994, o príncipe Carlos de Inglaterra, no contexto da construção de uma nova ala da National Art Gallery, que descreveu como um «carinhoso monstruoso na face de um amigo elegante e muito querido».

Em Portugal, também não faltaram polémicas. O êxodo rural e a febre desenfreada da construção nos anos 60 e 70 partiram ligas católicas como o Cacém, Rio de Mouro, Troia ou Pederneiras. No Algarve, à falta de licenciamento, foram pagas lavas para construir vivendas em fátas e em áreas protegidas. Depois, chegaram as 'torres das Amoreiras' e o país começou a falar de arquitectura. O seu autor, Tomás Taveira, quis que simbolizassem a defesa da Lisboa medieval, como dois guerreiros que defendem

a sua dama. O arquitecto Nuno Portas preferia a analogia taurina: «Aparecem duas bandarilhas cravadas no dorso da cidade». Taveira foi coerente - tudo o que desenhou desde então teve um toque de polémica - e tanto o Edifício Arco-Íris como o Estádio Alvalade XXI foram mamarrachos para alguns e obras de arte para outros.

Para eleger os dez piores exemplos da construção em Portugal, reunimos um painel de arquitectos, professores universitários, jornalistas ligados à área e fotógrafos. O resultado foi uma lista heterogênea de obras de qualidade duvidosa.

Embora muitos tenham manifestado reticência em nomear um exemplo específico, quase todos concordaram que o leque de opções é vasto.

Se um quadro for mau, destrói-se a tela; se um livro for um fracasso, é retirado do mercado. Mas um mamarracho não é algo que se faça desaparecer com facilidade. Perdura de geração em geração como uma cicatriz hereditária.

Tudo o que Taveira desenhava teve um toque de polémica. Amoreiras, Edifício Arco-Íris e Estádio Alvalade XXI foram considerados mamarrachos por uns e obras-primas por outros.

OS EDIFÍCIOS QUE TODA A CRIANÇA QUIS MANDAR ABRANHO

1878 - Há muito que os lisboetas criticavam o estado de degradação da alta e velha cidade que constituía a Torre do Templo, apetrechada com um relógio, sobre o qual se erguia a entrada do Museu de Arqueologia. Em 1878, a torre desabou, matando oito pessoas. Ramalho Ortigão profetizou então a célebre frase: «Não podendo cair de velhice, caiu de vergonha».

1891 - Lisboa inaugura orgulhosamente a Estação Ferroviária do Rossio. Porém, tanto populares como intelectuais da época questionam a estética neomanuelina da obra. Torna-se comum dizer que o arquitecto, José Luís Monteiro, ao terminar a obra, se pôs de costas e lhe pôs a sua assinatura numa alusão aos arcos em forma de ferradura da entrada...

1938 - Nenhuma igreja construída em Portugal no século XX causou tanta polémica como a de Nossa Senhora de Fátima. A obra modernista do arquitecto Porfírio Pardal Monteiro foi acusada de ser um tempo ao domínio do comunismo. Entre os que defendiam a sua destruição estava o coronel Rencinho Guerra, à época Presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes.

1949-1957 - As Torres das Amoreiras (Prémio Valmor em 1953), de Tomás Taveira, serão porventura os edifícios que mais tinham a ver com o século XX português. 'Aberrações' logo foram empregues por arquitectos, jornalistas e andrinhos para as descrever. Taveira disse que representavam cavaleiros na defesa de Lisboa. O arquitecto Nuno Portas viu-as como duas bandarilhas espetadas no dorso da cidade.

1952 - Portugal assume a Presidência da CEE e brinda os seus convidados com um edifício esbelto e imponente: o Centro Cultural de Belém. Porém, os portugueses torcem o nariz. O consórcio formado pelo italiano Vittorio Gregotti e pelo português Manuel Salgado é acusado de ter projectado uma mesmura em vez de um centro cultural, de ter tapado a vista do rio para o Mosteiro dos Jerónimos e de ter lançado um intruso bizarro na Praça do Império. 20 anos depois, o edifício que custou 27 milhões de euros (na vez dos seus milhões inicialmente estimados) continua a aguardar uma conjuntura económica favorável para ser concluído.